

“das Alphabet der Pirateninseln | O Alfabeto das ilhas Piratas | *i l'alfabet de les Medes Pirates.*”

Pintura e Instalação — Rosário Rebello de Andrade e Kathrin Feser — Städtische Bibliothek, Haus zum Falken, Würzburg – 1.8 - 31.10.2007

*Ler é apelar para o imaginário, pois a verdadeira leitura começa quando a presença do texto como que desaparece diante dos olhos, do mesmo modo que o autor desaparece na obra. ...A escrita é muda mas a leitura exige muitas vozes.*

Ana Hatherly  
*(A casa das musas, Editorial Estampa, Lda., Lisboa 1995)*

*E as imagens, que seriam então?  
Aquilo que foi apercebido, que tem de ser apercebido, uma única vez, de todas as vezes, como coisa única, e só agora e só aqui. E assim o poema seria o lugar onde todos os tropos e metáforas querem ser levados ad absurdum.*

*Investigação topológica?  
Certamente! Mas à luz do que é objecto da pesquisa: à luz da u-topia.”*

Paul Celan  
*(O Meridiano - Tradução João Barrento, Edições Cotovia Lda., Lisboa 1996)*



**Quinta Feira, dia 12 de Outubro, 19h00  
APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO**

**As artistas encontram-se presentes.**

**“Worte werden zu Musik”  
com Mariana Segarra & Band.  
Em conjunto com a Deutsch-Iberischen  
Gesellschaft e Ausländerbeirat.**



Existem múltiplos procedimentos no fazer da arte e é nesse fazer que o artista nos apresenta propostas que reportam uma visão sobre o mundo. Se é verdade que atravessamos um período histórico em que as tecnologias exercem um papel dominante na transformação das sociedades a uma velocidade alucinante, é também verdade que cada vez surgem mais artistas que baseiam esse fazer no exercício da virtude manual. Rosário Rebello de Andrade e Kathrin Feser, não fujindo a esta regra, reúnem duas características comuns: ambas optam por uma expressividade artística manual no seu modo de experienciar a sua visão do mundo. Ambas, à maneira do camaleão, efectuam sistematicamente mudanças estilísticas de um projecto de trabalho para outro. E se bem que se movimentem em áreas de trabalho formalmente opostas, outra componente as aproxima: o uso da escrita no seu trabalho. Este conjunto de factores levam-nas a tomar a decisão de desenvolver um projecto em conjunto ao intervir na Biblioteca Municipal de Würzburg.

Conhecida pelo seu permanente afluxo de leitores, a Haus zum Falken destaca-se na Praça do Mercado pela sua imponente fachada ricamente decorada de ornamentos do período Barroco. Ao aceder directamente à biblioteca do r/c, saltam à vista palavras soltas ou frases curtas afixadas no bordo das prateleiras das estantes, como *Schrei - Knallrot - ziemlich horizontal - Koexistenz - als Tau niedergegangen - Cornflakes unter Kissen ...*. Num contexto indeterminado, criam focos de cor ritmados pela sala. Interrogam. Atraem involuntariamente a atenção.

As artistas serviram-se com inteligência de elementos arquitectónicos e literários pertencentes à Biblioteca, tirando partido dos highlights que coincidissem com o decorrer da exposição. É o caso da pré-apresentação da Feira do Livro de Frankfurt, anualmente feita na Städtische Bibliothek de Würzburg, que este ano é dedicada à Catalunha. Criando uma espécie de diálogo entre ambas, optaram assim por utilizar, para além das línguas natais (portuguesa e alemã), a língua catalã.

Avançando à sala de leitura avista-se um painel com cerca de 9 metros de comprimento composto de pinturas de pequeno, médio e grande formato, justapostas ao longo da parede. Muito bem integrado no espaço, assume forte presença na sala. Círculos, ornamentos e formas padronizadas são aqui jogos visuais de poesia. Num fazer subtil, escrita torna-se metáfora da imagem, imagem metáfora da escrita. O que poderia correr o risco de se tornar decorativo, forma antes um alfabeto de cores vivas e luminosas. Finas camadas de tinta, transparências, letras ou frases, adquirem força plástica. Símbolos tornam-se ícones, convidam o visitante a observar o pormenor: uma pequenina esfera verde que se salienta entre duas pinturas, logo uma figura-coelhinho de tons cinzentos rosados chama a atenção. Melhor será começar do lado esquerdo e como quando se lê um texto, deixar o olhar seguir um percurso lento e oscilante até ao final do painel... a figura de meio corpo de um homem de chapéu olha o espectador com ar provocador, como que saltando da sua cabeça, um peixe, por baixo frases flutuantes saem da boca de uma ave, logo acima uma elipse de letrinhas pintadas em espelho ... pouco adiante, sobre fundo de riscas largas vermelho e verde, *Us viu, vident, oh gira-sol dels astres!*


Avançando neste jogo sofisticado de círculos-letras-formas-palavras-fragmentos ... torna-se irrelevante a decifração dos textos pintados, e então ... um personagem dissimulado de véu riscado (talvez num museu?) de costas para o espectador, contempla uma obra... *Oh! Tropfen Staub...* baratinhas e mais baratas sobre fundo de cor escura ... um sem fim de algarismos contados-pintados, e a figura-coelhinho. Afinal a esfera verde que se salienta da parede é uma vírgula. *Jambus*. Entre formas ornamentais preenchidas de pequenos círculos coloridos lê-se nitidamente: *Pontius Pilatus Piratus*.

Finalmente, retirando um folheto de uma caixa vermelho vivo, aparece no topo o título da exposição “O Alfabeto das ilhas Piratas” (excerto de um poema do escritor catalão J. V. Foix). Segue-se um longo texto não pontuado. No seu conteúdo narrativo com remeniscências do dadaísmo, não se desvenda um sentido lógico. Trata-se de uma compilação de fragmentos de poesia de um leque de autores que vão do Séc. XVIII ao Séc. XX. Catalães, portugueses, alemães.

Chamam de ilhas Piratas ao arquipélago das ilhas Medes situado na Costa Brava do Mediterrâneo. Remonta à antiga Grécia a navegação ao largo das ilhas, mas é mais tarde, na idade média, que o vasto comércio marítimo da região se torna muito vantajoso a acções de pirataria. Diz-se inclusivamente que Barba Ruiva aí navegou.

Neste ironizar que nos remete a *Los disparates* de Goya, tudo é excessivo, fragmentado, disperso. O seu fio condutor está ainda oculto.

As artistas inspiraram-se na poesia labiríntica do período Barroco para a transposição visual dos excertos literários recolhidos. A mesma constava, no universo mundano da época, de jogos de decifração, onde o frívolo e o trivial tinham um grande peso. Neste contexto, é preciso entender que esta teve nesse período e em toda a Europa, uma vasta ressonância. É sobretudo na Península Ibérica, França e Itália que essa proliferação de jogos de permutações



“das Alphabet der Pirateninseln | O Alfabeto das ilhas Piratas | *i l’alfabet de les Medes Pirates.*”

Pintura e Instalação — Rosário Rebelo de Andrade e Kathrin Feser — Städtische Bibliothek, Haus zum Falken, Würzburg — 1.8 - 31.10.2007

se fez sentir mais acentuadamente e mais tarde retomada na poesia visual do séc. XX.

Quando o cenário artístico convoca nos dias de hoje esse tipo de jogos, isso reflecte por si só, um paralelismo do *modus vivendi* da sociedade de então e da de hoje. Encontramo-nos perante um novo protagonismo da arte não podendo daí excluir uma reflexão histórico-filosófica sobre o sentido desse *modus vivendi*. Somos assim interpelados a uma análise mais profunda da sociedade em que vivemos, e a interrogarmo-nos sobre uma possível busca de sentido. Retomando o percurso na biblioteca, avança-se para as salas traseiras. É na presença de trabalhos mais intimistas, que o visitante se adentra numa decifração do enigma.

No topo da parede junto ao tecto, vê-se uma fila de panos presos uns aos outros por pioneses (Rosário Rebello de Andrade) com palavras vermelhas bordadas, e tão dissimulada que só o visitante atento dá por isso. São recortes de restos de telas do seu trabalho em pintura, que a artista foi bordando diariamente ao longo de 2 anos. Lê-se em português “Palavra . Paraíso . perturbador . pirilampo...”. A fila de palavras corre ao longo das 4 paredes e a determinada altura, muda para a língua alemã “Wort . Wolke . Weitblick . die Vögel...” (Palavra . nuvem . perspicácia . os pássaros...). À primeira vista, para quem não domine bem as duas línguas, parece tratar-se de uma tradução do primeiro grupo de palavras. Mas ao lê-las cuidadosamente descortina-se um texto distinto do outro, em que as palavras induzem a uma ligação de sentido entre si. Pressente-se uma religiosidade íntima, uma necessidade de paragem e reflexão, longe do barulho mundano. Rosário R. Andrade dá-lhe o título *Noventa e sete palavras bordadas à mão ou eu aprendo alemão*.

Tratar-se-à aqui de aprender uma linguagem ou apre-endê-la ao ponto de mostrar a impossibilidade da tradução? Quererá apontar para as sinuosidades da linguagem vincando a identidade de 2 culturas?

Na sala seguinte vê-se pintada num fundo vermelho, numa tela de pequeno formato, a palavra *Brot*. Num painel de maiores dimensões, a artista escreve na sua própria língua pão e convida os visitantes a juntarem uma palavra que assuma para eles um significado especial.

No caso de Rosário R. Andrade, essencial e quotidiano não se dissociam. A sua linguagem poética é e não é, simultâneamente, a linguagem de todos os dias, e chama a atenção para o que considera essencial.

Na parede oposta, vê-se uma fila de trabalhos em papel de pequeno formato (Kathrin Feser) numa caligrafia extremamente bem desenhada à faca: *unser Telefon macht ring-ring-ring* ou *mashed potatoes*. Letras cuidadosamente recortadas no papel com uma faca mostram o vazio das palavras.

Palavras em busca de um significado para o trivial, para o absurdo do quotidiano?

Junto à ombreira da janela mais um grupo de trabalhos que obedecem ao mesmo cuidadoso critério de recorte. Mostram figuras saltitantes, monstros anedótico-absurdos, ícones dansam juntamente com letrinhas — ou pairam sobre elas.

Kathrin Feser criou o hábito de apontar excertos de conversas e situações do dia-a-dia, impressões de sons e situações diversas, anotando-os. Colecciona desde há anos de forma sistemática símbolos e figurinhas bizarras a que ela mesma chama metáforas de comunicação. Cria com elas um universo topológico de elementos e fenómenos da sua vivência diária. Forma o seu próprio vocabulário em forma de pictogramas. Insere-os depois no seu trabalho em diferentes contextos. Dá-lhe livres interpretações, exagera-os, atribui-lhes níveis e significados múltiplos, que se intersectam.

Contrapondo-se a R.R.A., Kathrin Feser quer mostrar um labirinto de absurdos: absurdos a questionar os quotidianos, os meridianos (Paul Celan), os tropos e as metáforas dos tropos. A ausência de sentidos chama-a à necessidade de encontrar uma alternativa, de os procurar a todo o custo.

No caso de R.R.A. e K.F., encontramos-nos curiosamente perante um dos sintomas evidentes da sociedade moderna. Sendo o dever da arte anunciar os sinais e fenómenos do seu tempo, as artistas demonstram nesta intervenção na Falkenhaus, como cada vez mais a sociedade de hoje assenta os seus alicerces no fragmento. Renunciam, porém, submeter-se aos sintomas deste tempo que é o seu, ultrapassam fronteiras do pré-estabelecido. Põem em causa a importância das autorias e dos discursos, apoderam-se da linguagem de outros para criar a sua própria. As acções de pirataria, nos nossos tempos, já não se processam no alto mar, mas aqui, agora e em todo o lado.

Mas mais do que isso, evidenciam (à semelhança da própria vida) a magia do objecto artístico. Demonstram que, ao escrever sobre ele, se corre o risco de lhe roubar a existência, de o desapropriar daquilo que ele possui de mais essencial. Pois para o analisar, ter-se-há que avançar para além da razão, mergulhando nele, numa abertura ao imprevisível, ao impensável de um (im)possível.